



A Semiótica como Lente para a Leitura Crítica do Mundo

Semiotics as a Lens for the Critical Reading of the World

Claudia Cristina e Silva Gomes

Resumo: A semiótica é a ciência que estuda os signos e suas articulações, sendo um instrumento fundamental para a compreensão crítica dos discursos que nos cercam. Este estudo propõe uma análise interpretativa e objetiva do papel da semiótica como lente para a leitura crítica do mundo, pensamento evidenciado por autores como Saussure, Barthes, Lotman, Eco e representantes da semiótica crítica. Esses proporcionam a decodificação de signos presentes em diferentes esferas sociais: da linguagem verbal à publicidade, da mídia à literatura. A leitura crítica é vista aqui como um processo de desnaturalização dos sentidos em que o leitor assume uma postura ativa diante da construção simbólica da realidade.

Palavras-chave: semiótica; leitura crítica; signos; linguagem; sentido; cultura.

Abstract: Semiotics is the science that studies signs and their articulations, and is a fundamental tool for critically understanding the discourses that surround us. This study proposes an interpretative and objective analysis of the role of semiotics as a lens for critical reading of the world, highlighting how the thinking of authors such as Saussure, Barthes, Lotman, Eco and representatives of critical semiotics enables the decoding of signs present in different social spheres: from verbal language to advertising, from the media to literature. Critical reading is seen here as a process of denaturalizing meanings, in which the reader takes an active stance towards the symbolic construction of reality.

Keywords: semiotics; critical reading; signs; language; meaning; culture.

INTRODUÇÃO

Vivemos imersos em signos. Tudo comunica: palavras, imagens, gestos, objetos, roupas, sons. No entanto, nem todos percebem que essas manifestações são construções culturais carregadas de sentido que nomeiam e caracterizam o contexto existente no espaço social. A semiótica, enquanto ciência dos signos, oferece ferramentas para desvelar e desconstruir os significados referentes a cada manifestação social, sensorial e psíquica, permitindo-nos, dessa forma, avaliar o mundo de maneira ativa.

A proposta deste estudo é refletir como a semiótica pode ser uma lente interpretativa poderosa na leitura crítica da realidade. Partindo de um percurso teórico que envolve Saussure (2006), Barthes (2000), Lotman (1996) e outros estudiosos, abordaremos como os signos funcionam como instrumentos de significação e como o sujeito pode interagir com eles de forma reflexiva.

O FUNDAMENTO DA SEMIÓTICA: SAUSSURE, ROLAND BARTHES E LOTMAN

Ferdinand de Saussure (1852-1913), considerado um dos fundadores da semiótica moderna, define o signo linguístico como a união arbitrária entre significante (a imagem acústica) e significado (o conceito), entrelaçando os dois termos de maneira inerente. Sua principal contribuição foi compreender a linguagem como um sistema de diferenças, em que o valor de cada signo depende de sua relação com os demais. De acordo com o autor, cada signo, sendo esse formado por seu respectivo significado e significante, sofre de maneira direta a influência de outro ícone. Assim, percebe-se que as dimensões conceituais do signo podem se transformar conforme sua interação semântica ou lexical, dependendo de como ele é empregado em conjunto com outros elementos gramaticais e dentro da sequência sintagmática. Sob uma ótica crítica, a ação do signo remete à imagem que ele desperta, formando uma representação mental do objeto ou conceito que simboliza — o que evidencia o caráter dinâmico e constantemente mutável do processo de significação (Saussure, 2006).

Roland Barthes (1915-1980) amplia o conceito de signo para além da linguagem e propõe a análise da mitologia contemporânea. Em *Mitologias* (2000), Barthes mostra como objetos denotados pela sua efemeridade — como um anúncio de sabão ou uma imagem de capa de revista — carregam ideologias naturalizadas e enraizadas.

Para Barthes (2000), os signos não apenas comunicam: eles persuadem e influenciam por meio de organização estrutural embasada na função conativa, organizam de maneira fluida a capacidade cognitiva e reforçam os hábitos e coesões sociais. Desse modo, o signo deixa de ser neutro e passa a carregar consigo valores ideológicos oriundos do ambiente onde esse é propagado. Assim, ler criticamente um anúncio publicitário é desvelar o que ele oculta, é indagar-se sobre quais valores e padrões sociais estão, de forma explicitada ou implícita, sendo reforçados e parafraseados.

A leitura crítica, portanto, é desmontar e desconstruir aquilo que se constrói na tentativa de analisar de maneira interpretativa as informações mais objetivas às mais conotativas, desmascarando suas reais intenções e evidenciando suas menores nuances. Conforme aponta Barthes (2000), a semiótica crítica tem como propósito expor aquilo que foi sedimentado ao longo das gerações e que, no presente, se mantém de forma naturalizada e imposta. Dessa forma, sua função é justamente desnudar o que a sociedade toma como algo fixo e inquestionável, mas que, na realidade, resulta de construções históricas, culturais e ideológicas.

Sob essa ótica, a leitura crítica pode ser entendida como o exercício de desmontar e reinterpretar os sentidos aparentes de textos e discursos, com o objetivo de revelar as intenções, os valores e as ideologias que os sustentam.

Portanto, ler de modo crítico vai muito além de decodificar palavras ou compreender o texto em seu sentido literal — trata-se de dialogar com ele, questionar

quem o enuncia, por que o faz, de que forma e com qual finalidade. A leitura crítica, nesse sentido, torna-se uma prática de libertação intelectual: ela transforma o leitor em um sujeito ativo, consciente de que todo signo carrega em si influências do contexto social no qual está inserido e reflete, ao mesmo tempo, os princípios e a visão de seu emissor.

Yuri Lotman (1996), pensador russo da Escola de Tártu-Moscou, amplia a ideia de texto ao afirmar que a própria cultura é um texto. Para ele, todos os fenômenos culturais (vestuário, arquitetura, culinária, filmes, comportamento social) constituem sistemas de signos que podem ser lidos e interpretados de maneira cronológica.

A proposta de Lotman nos convida a ver a realidade como uma estrutura comunicativa. Ele cria o conceito de semiosfera, um espaço no qual diferentes sistemas de significação interagem e se transformam, evidenciando a influência que cada signo possui sobre o seu respectivo contexto. A leitura crítica, nesse sentido, é a capacidade de transitar entre sistemas de sentido, identificar códigos e as intenções que justificaram a sua utilização, traduzir de maneira subjetiva ou denotativa seu sentido e identificar os discursos dominantes, almejando reinterpretá-los de acordo com sua perspectiva individual.

Mais do que isso, representa a habilidade de transitar entre distintos sistemas de significação, reconhecendo os códigos e as intenções que orientam seu uso, e traduzindo seus significados de forma subjetiva ou denotativa. Compreender os diferentes textos exige, portanto, uma postura semiótica — uma busca constante pelos sentidos que emergem das mensagens —, pois é essa atitude investigativa que conduz o leitor a um posicionamento crítico, capaz de apreender tanto os aspectos denotativos quanto os conotativos dos contextos em que está inserido.

Por meio dessa prática, o leitor desenvolve a capacidade de perceber os códigos e propósitos que moldam a construção de sentido, revelando não apenas o valor literal dos signos, mas também suas nuances conotativas e os múltiplos efeitos que delas decorrem. Assim, o ato de ler deixa de ser um simples processo de decodificação e passa a ser um gesto autônomo e reflexivo, sustentado pelos interpretantes individuais e por uma consciência crítica diante da linguagem e do mundo que o cerca.

Umberto Eco e a Obra Aberta: O Leitor como Coautor

Umberto Eco (2003) propõe que a produção de sentido não está apenas na intenção do autor ou na estrutura do texto, mas na leitura ativa do intérprete. O texto, ao ser aberto, permite múltiplas interpretações que dependem diretamente das vivências, do meio social e dos juízos de valor provenientes do leitor. Sendo assim, a maneira que a obra interferirá em seu receptor depende de como esse utiliza sua bagagem intelectual e social para avaliá-la

Desse modo, o autor apresenta uma visão inovadora sobre o texto literário ao entender que ele não se esgota na intenção do autor nem se restringe à sua forma estrutural. Ao contrário, a obra é considerada “aberta” justamente por admitir uma

pluralidade de interpretações, sendo constantemente reconstruída pela leitura ativa de quem a interpreta. Assim, o leitor deixa de ocupar o papel de simples receptor e passa a ser um verdadeiro coautor do texto, já que sua bagagem cultural, suas experiências e seus valores influenciam diretamente o processo de significação.

Eco diferencia dois tipos de leitor: o leitor modelo, que se dispõe a colaborar com o texto, reconstruindo seus sentidos a partir das pistas deixadas pelo autor; e o leitor empírico, o indivíduo real, portador de vivências, subjetividades e leituras próprias. A interação entre o texto e o leitor configura o que Eco denomina coleta de significados, processo no qual o leitor “colhe” sentidos possíveis, mas sempre dentro de certos limites impostos pela estrutura textual.

Nesse cenário, a semiótica surge como a ferramenta teórica capaz de explicar esse movimento de produção e interpretação dos signos. Ela possibilita compreender o texto como um sistema de significações em constante diálogo, no qual o leitor, ao interpretar, atua como participante ativo na construção do sentido. Dessa forma, a semiótica proposta por Eco expande a ideia tradicional de leitura, convertendo-a em um ato criativo, dialógico e crítico, onde autor, texto e leitor se encontram na contínua geração de novos significados.

Esse pensamento desloca o foco da comunicação; o leitor é agora responsável por construir sentidos ou desconstruí-los. Isso tem implicações profundas para a leitura crítica: ela exige participação ativa, reflexão e um olhar desconfiado diante das versões prontas da realidade.

Eco ainda defende que a semiótica é “a teoria geral da cultura enquanto sistema de comunicação”. Ou seja, a cultura é uma rede de textos, e a leitura crítica é a capacidade de cruzar essas redes, percebendo rupturas, censuras e segregações.

A Semiótica Crítica e suas Aplicações Práticas

A chamada semiótica crítica, influenciada por pensadores como Bakhtin (2003), Greimas (1987) e os estudos culturais, entende que os signos são os principais agentes para o enraizamento de ideologias ou a desconstrução dessas. A leitura crítica, nesse sentido, é um ato político, pois carrega consigo a intenção de questionar o sistema vigente, podendo assim evidenciar assimetrias nas relações de poder.

A semiótica crítica, ao reconhecer que os signos — sejam eles palavras, imagens, gestos ou discursos — não são neutros, mas carregam ideologias, valores e intenções, possibilita ao sujeito identificar as estruturas de poder e os mecanismos de dominação simbólica presentes na cultura e na comunicação. Essa consciência configura um ato de resistência e de resiliência, pois permite que o indivíduo deixe de ser um simples receptor das mensagens sociais e se torne um agente ativo na reconstrução dos sentidos. Assim, a leitura crítica adquire um caráter transformador: quem lê o mundo de forma semiótica, decodificando signos e revelando intenções ocultas, conquista autonomia intelectual e emocional para reinterpretar e ressignificar sua própria realidade.

Essa capacidade de transformar o que antes o oprimia em força para o crescimento pessoal e coletivo define o que se pode chamar de resiliência simbólica — o ato de converter o impacto dos discursos dominantes em impulso para a emancipação e a mudança social. Nesse sentido, a semiótica crítica representa, ao mesmo tempo, resistência e transformação: resistência por confrontar os significados prontos e impostos, e transformação por permitir que o sujeito reconstrua o sentido do mundo a partir de sua própria experiência e visão de realidade.

É por meio dessa perspectiva que se torna possível compreender como os discursos midiáticos constroem e reforçam estereótipos ao reproduzirem expressões como “mulher frágil”, “homem de verdade”, “povo preguiçoso”, “pobre porque quer” ou “pessoa com deficiência” como exemplo de superação. Essas representações, ao padronizarem comportamentos e determinarem o que é considerado normal ou aceitável, acabam por perpetuar estigmas que afetam grupos minoritários, negando-lhes reconhecimento, pertencimento e legitimidade dentro do tecido social.

A semiótica crítica exige do leitor não apenas a capacidade de interpretar, mas de resistir e reconstruir sentidos. Assim, a leitura crítica do mundo torna-se um gesto ético e emancipado.

A semiótica, desenvolvida como lente crítica, pode (e deve) ser aplicada na escola, na mídia, nas redes sociais, no consumo e nas práticas cotidianas. Um estudante que compreende como funciona a linguagem publicitária, por exemplo, é capaz de resistir a manipulações e alienações consumistas, delimitando-se a esse um caráter questionador e intelectualmente ativo.

Na educação, o uso da semiótica pode desenvolver a leitura multimodal, em que o aluno interpreta não só textos escritos, mas também imagens, vídeos, sons, memes, propagandas. Isso forma um sujeito leitor capaz de decodificar os mais diversos recursos literários.

Na esfera midiática, a semiótica atua como instrumento de revelação dos jogos de poder que se manifestam tanto na seleção quanto na forma de apresentação das notícias, evidenciando que toda narrativa resulta de uma escolha — ainda que muitas vezes inconsciente — feita por quem a enuncia.

Sob a ótica crítica da semiótica, afirmar que “toda narrativa é uma escolha, mesmo que inconsciente, de seu enunciador” é reconhecer que nenhum discurso é neutro ou completamente objetivo. Todo texto, reportagem ou imagem nasce de um ponto de vista específico, atravessado por valores, interesses e ideologias que moldam a visão de mundo de quem comunica.

Mesmo quando o enunciador — seja jornalista, editor ou produtor de conteúdo — acredita estar apenas “informando”, ele realiza escolhas: decide o que será evidenciado e o que permanecerá oculto, estabelece o foco, seleciona a linguagem, o tom e o enquadramento da narrativa. Essas decisões revelam as forças simbólicas e as estruturas de poder que permeiam o tecido social.

A semiótica crítica, inspirada em pensadores como Umberto Eco, Roland Barthes e Mikhail Bakhtin, demonstra que cada signo — palavra, imagem ou gesto — está impregnado de ideologia. O enunciador, mesmo sem plena consciência,

tende a reproduzir os valores e as hierarquias de seu contexto social, podendo reforçar ou desafiar os discursos dominantes. Assim, afirmar que “toda narrativa é uma escolha” é reconhecer que a linguagem jamais é inocente: ela é sempre uma ferramenta de construção da realidade, capaz de moldar a forma como o público percebe e interpreta o mundo.

Demonstrando, dessa maneira, que a impessoalidade e neutralidade informativa são um mito. A leitura crítica é, portanto, uma atitude de vigilância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semiótica, ao compreender a realidade ao redor como um texto composto por múltiplos sistemas de significação, evidencia a amplitude da produção de sentidos presente em todas as esferas da vida. Nesse contexto, ela se apresenta como um instrumento essencial para a leitura crítica do mundo, permitindo-nos reagir aos acontecimentos de forma autônoma e emancipadora, livre das imposições e repetições provenientes das estruturas sociais. Essa perspectiva revela que, por trás de cada posicionamento, há sempre uma intenção — seja de natureza individual, seja coletiva.

A expressão “intenção de caráter individual ou unificado” destaca justamente a complexidade dos processos de significação. Sob a ótica da semiótica crítica, compreender essa dualidade é reconhecer que todo ato de linguagem está impregnado de intenções que podem emergir tanto da subjetividade do sujeito quanto das forças coletivas que o constituem. A intenção individual manifesta-se na liberdade interpretativa e na experiência única de cada leitor ou enunciador; já a intenção unificada traduz as ideologias e discursos socialmente compartilhados que moldam o pensamento, a linguagem e as práticas comunicativas.

Dessa forma, o sentido produzido nunca é inteiramente pessoal, nem completamente imposto — ele nasce de um constante diálogo entre o eu e o coletivo, entre a liberdade de interpretar e os limites simbólicos impostos pela cultura. Assim, o signo se torna o ponto de encontro entre subjetividade e ideologia, revelando que toda produção de sentido é, inevitavelmente, também um gesto de posicionamento político e social.

Ao assumirmos a semiótica como lente interpretativa, tornamo-nos leitores mais atentos, mais questionadores e mais éticos. A leitura crítica não é apenas uma competência intelectual: é uma postura diante do mundo, uma forma de resistência e de construção de cidadania.

A leitura crítica vai além de uma habilidade intelectual — ela representa uma atitude diante do mundo, um gesto de resistência e de afirmação da cidadania. Como defende Paulo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, o que significa que compreender um texto implica também compreender as relações de poder, de cultura e de ideologia que o sustentam. Nesse sentido, ler criticamente é um ato político, pois demanda do sujeito uma postura reflexiva, questionadora e autônoma diante dos discursos que o cercam.

Bakhtin (1997) aprofunda essa ideia ao afirmar que toda palavra é essencialmente dialógica, ou seja, está sempre em diálogo com outras vozes, tempos e contextos. Assim, compreender um texto é também reconhecer o entrelaçamento de perspectivas, valores e ideologias que o formam. Já Umberto Eco (2003), em *Obra Aberta*, enfatiza que a interpretação é um processo ativo: o leitor não se limita a receber significados, mas participa da sua construção, tornando-se coautor da obra.

À vista do exposto, a leitura crítica não se reduz à decodificação de signos — ela é uma prática transformadora. Por meio dela, o indivíduo questiona as “verdades” estabelecidas, reelabora o mundo a partir de sua própria percepção e conquista emancipação intelectual. Ao adotar essa postura, o leitor deixa de ser mero espectador e assume o papel de cidadão consciente, capaz de intervir na realidade e transformá-la através da força de sua leitura e de sua palavra.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 2000.
- ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Ática, 1998.
- GREIMAS, A. J. **Estruturas do Imaginário**. São Paulo: Ática, 1987.
- LOTMAN, Yuri. **A Semiosfera**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.